

Uso de defensivos químicos em áreas urbanas: os riscos reais e os imaginários

Ronaldo Facury Brasil
PPV Controle Integrado de Pragas

O uso de defensivos químicos tem sido objeto de grande preocupação em todo o país nos últimos anos. Pesquisas realizadas em 1990, pelo IBGE, em Teresópolis fez referência ao uso de defensivos em plantações de tomate. Os resultados revelaram que mais de 90% dos estabelecimentos rurais aplicam agrotóxicos em quantidades de ingredientes ativos superiores à própria média brasileira e até ao maior consumidor de agrotóxicos do mundo, que é o Japão. A maior parte desses produtos é de fungicidas, sendo que 43% dos ingredientes ativos totais utilizados são classificados como extremamente e altamente tóxicos. O tomate é uma das culturas que mais usam agrotóxicos em nosso país.

Um dos principais problemas observados com a larga utilização dos defensivos químicos refere-se à resistência desenvolvida pelas espécies praga aos ingredientes ativos destes produtos. Isto induz à utilização de dosagens cada vez maiores e também ao desenvolvimento de novas moléculas e formulações. Outra consequência indesejada é a destruição dos inimigos naturais das pragas, bem como ao surgimento de novas pragas, uma consequência do desequilíbrio ambiental. O resultado é a crescente produção e oferta dos produtos praguicidas, associada à agressividade mercadológica, que não poupa investimentos em propaganda. Com isto é disponibilizada no ambiente uma grande quantidade de produtos biocidas cujos impactos toxicológicos e ambientais não são ainda plenamente conhecidos.

Em 1991, as Nações Unidas divulgaram um documento contendo uma lista de centenas de produtos químicos em geral (farmacêuticos, agrícolas, etc) cujo consumo e/ou venda vinham sendo banidos, retirados ou severamente restritos por diversos países. Com o maior controle sobre o uso de agrotóxicos alcançado, nas últimas décadas, nos países desenvolvidos, uma consequência foi a transferência de indústrias e/ou a exportação dos produtos para os países em desenvolvimento. A falta de controle interno na comercialização e utilização desses produtos facilitou a rápida penetração dos mesmos em muitas regiões do planeta.

A população mundial teve um crescimento assustador no último século, a ponto deste século ser considerado o “Século do Crescimento”. A humanidade, levou em toda a sua história, 1900 anos para atingir uma população de 1,6 bilhões de habitantes, chegando a 2 bilhões em 1930. O terceiro bilhão veio em 1960; o quarto bilhão em 1977 e o quinto bilhão em apenas 12 anos depois, em 1989. No ano 2000 a população ultrapassou os 6 bilhões de habitantes e existem projeções para que ela cresça mais 4,6 bilhões no século 21 (Fonte: Nações Unidas, World Population Prospects – New York 1996).

Em consequência deste crescimento vertiginoso a humanidade necessitará cada vez mais de maiores quantidades de alimentos, aumentando assim a demanda por defensivos. Outra consequência, deste crescimento é o aumento na quantidade de resíduos gerados nas cidades. Nos grandes centros urbanos, principalmente, este aumento de lixo está intimamente associado ao aumento das ocorrências com pragas consideradas urbanas como baratas, ratos e formigas.

Em função disto o consumo de produtos destinados ao controle destas pragas também vem aumentando nos últimos anos. A cultura química no controle de pragas é, ainda, fortemente dominante. A maioria de nossos lares tem, pelo menos uma latinha de inseticida. Evidentemente, a primeira preocupação quando se fala em riscos de defensivos químicos é relativa a questões toxicológicas. Realmente, os dados do SINITOX, no período de 1997 a 2002 mostram que defensivos químicos de uso

doméstico foram responsáveis por 2,89% dos casos de intoxicação humana enquanto medicamentos responderam por 21,54% e produtos cosméticos por 9,59% dos casos.

O registro de produtos no Ministério da Saúde exige um conjunto bastante amplo de testes e comprovações de segurança. As empresas que prestam serviços de controle de pragas devem, obrigatoriamente, ter um profissional de nível superior como responsável técnico, além de ter que atender uma série de requisitos de segurança individual e ambiental. Por exemplo, todas as embalagens vazias devem ser triplicemente lavadas, e encaminhadas a Postos Autorizados de recebimento, para o descarte ambientalmente adequado.

No entanto, o maior volume de defensivos químicos aplicados em áreas urbanas vem de produtos de venda livre que usam fundamentalmente os mesmos grupos de ingredientes ativos em níveis de concentração semelhantes aos utilizados pelas empresas prestadoras de serviço. Na palestra serão discutidos os possíveis impactos tanto em termos de segurança quanto em termos ambientais deste uso legal, não fiscalizado e indiscriminado de defensivos químicos em áreas urbanas.